

13/01/2020

De médico e louco todo mundo tem... ...Estereótipos

Luciene de Aguiar Dias

[Enfermeira. Doutoranda ENSP/Fiocruz]

De médico e louco todo mundo tem um pouco...

Essa expressão popular me persegue com alguma periodicidade. Por vezes acho que ela fala um pouco da empiria, nesse aprendizado que se baseia nas experiências e observações vividas. No caso da medicina, mais precisamente. Todos nós sabemos alguma coisa de algumas doenças e seus tratamentos, medicamentos, cuidados... Porque vivemos, vimos, ouvimos falar etc. No caso da loucura, me perdoem... Ninguém ensina a ninguém, nascemos sabendo...

Mas quero deixar aqui registrado que sinto falta de algumas loucuras, ou comportamentos loucos. Desses que fazem refletir sobre fatos cotidianos de forma diferente, que enfrentam a rotina, que andam de trás pra frente, que veste lilás na festa das vestimentas verdes ou amarelas. Ou vermelho no dia da roupa branca. Que canta uma música de trás pra frente e ri sozinho porque ninguém jamais entende. Que despenteia o cabelo. Que como um menestrel declama nas ruas o horror da fome e da miséria. Sim sinto falta desses loucos ou dessas loucuras que devem estar por aí reprimidas com tarjas pretas. O que quero mesmo fazer nesse texto é refletir sobre o conhecimento que está aí. Contudo, disfarçado pelos muitos donos ou proprietários dele. O ser humano é múltiplo, dono de inúmeras habilidades submersas ou aparentes.

Daí eu defendo que todo mundo é um pouco médico, advogado, engenheiro, enfermeiro, cozinheiro, desenhista, professor, publicitário, segurança, eletricista, veterinário etc.

Acredito que depende do momento e do estímulo.

Lembro então de outro ditado popular “A necessidade faz o sapo pular”. Sem desprezar de maneira alguma o saber formal, científico e acadêmico, permaneço defendendo que a empiria e a necessidade nos colocam diante de saberes que estão submersos em nós e no outro.

Minha carreira na enfermagem me reforça esse pensamento. Não consigo lembrar de todos os técnicos, auxiliares e atendentes de enfermagem (essa última categoria hoje extinta por força da lei) com os quais trabalhei. Eles me ensinaram técnicas e truques que jamais seria capaz de criar.

Viram e observaram coisas totalmente invisíveis para mim.

Mas não só para mim... Para os senhores médicos. ...

Quantas vezes os ouvi e ouço falar: “doutor, diminua essa dose”, “esse medicamento não dá para fazer na veia do Sr. X”, “Srª Z é cirúrgica”, “tem que fazer uma punção profunda no Sr. D”, “isso não vai fazer efeito”, “vai lá doutora, faz o procedimento que eu te ajudo”... E quantas vezes vi a equipe de enfermagem assumindo o procedimento e calmamente ensinando o “como fazer”. Segurando na mão. Apoiando. Refazendo. As idades dos dois lados variam. Mais jovens, mais velhos, porque saber empírico, habilidade, conhecimento não dependem necessariamente dos anos de vida vividos...

Mas não comentem isso por aí. É um segredo nosso, acho que isso pode gerar um processo ético nos Conselhos Profissionais que são os regentes das práticas profissionais. Mas é assim mesmo que acontece! Fugindo um pouco dos estereótipos da enfermeira bondosa, da enfermeira abnegada, silenciosa, submissa, cordial, mas falando da enfermagem como um corpo de trabalhadores que tem um saber próprio e que ao longo do tempo cuida e estuda muito para poder cuidar da melhor forma de infinitas doenças do corpo e da alma nos mais diversos serviços estruturados ou desestruturados.

Só para dizer uma pequena coisa - a enfermagem não pode errar -. Digo sem medo, as falhas cometidas no processo de trabalho antes de chegar a nossa hora de atuar, precisam ser necessariamente questionadas e corrigidas por nós.

Caso não sejam, e alguma execução crie danos, estaremos definitivamente com nossa vida profissional comprometida.

Daí talvez surja o nosso segundo estereótipo: a enfermagem rabugenta, autoritária, ativa, orgulhosa, séria, extremamente técnica e impessoal. Aquela que corrige, controla, confere, questiona... Mas temos outros, a de amantes dos médicos e etc. Temos lutado contra todos esses estereótipos.

Mas o pior de todos está relacionado à nossa inferiorização quanto ao saber médico. As provocações são variadas “você é quase médico”, “você é um médico frustrado”, “escolheu só tocar fraldas e dar injeção” “estuda mais um pouquinho e você vira médico” entre outros gracejos. Não é assim meus senhores!! Decidimos cuidar na hora da doença.

Decidimos ficar ao lado. Decidimos e prometemos que faremos o melhor. Decidimos que vamos saber seu nome e sua história. Porque você gosta ou prefere o banho num determinado horário. Porque não toma mingau. Qual é o seu time e te contar o resultado dos jogos. Conhecer a intimidade do seu corpo respeitando seu constrangimento e sofrimento.

E nós que somos enfermeiros graduados, temos faculdade, sofremos com os estereótipos no dia-a-dia do trabalho ... adivinhem o que passam os nossos técnicos, auxiliares ... Aqueles que na hora do trabalho são o filtro final para a execução de ações extremamente importantes.

Preparar e administrar medicações, realizar a higiene corporal, alimentar, preparar e conferir materiais que estão prestes a serem usados... Gostaria que meu clamor aqui fosse claro - entender de uma vez por todas que toda essa separação, classificação, distinção só nos tem feito sofrer e aumentar as diferenças -. Não existe um saber exclusivo. Não existe um sábio que não tenha seu momento de dúvida. Não tem ninguém capaz de fazer nada sozinho. Tudo isso é para dar importância ao maior ser dessa terra: o coletivo!

Sem essa de que 'estou sozinho'

Somos muito mais que isso

Eu preciso e quero ter carinho, liberdade e respeito

Chega de opressão

Quero viver a minha vida em paz

Quero um milhão de amigos

Quero irmãos e irmãs...

Vamos fazer um filme - Renato Russo

■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

Texto recebido em 19/11/2019 – Luciene Aguiar

De médico e louco todo mundo tem um pouco... Essa expressão popular me persegue com alguma periodicidade. Por vezes acho que ela fala um pouco da empiria, nesse aprendizado que se baseia nas experiências e observações vividas. No caso da medicina, mais precisamente. Todos nós sabemos alguma coisa de algumas doenças e seus tratamentos, medicamentos, cuidados... Porque vivemos, vimos, ouvimos falar etc. No caso da loucura, me perdoem... Ninguém ensina a ninguém, nascemos sabendo... Mas quero deixar aqui registrado que sinto falta de algumas loucuras, ou comportamentos loucos. Desses que fazem refletir sobre fatos cotidianos de forma diferente, que enfrentam a rotina, que andam de trás pra frente, que veste lilás na festa das vestimentas verdes ou amarelas. Ou vermelho no dia da roupa branca. Que canta uma música de trás pra frente e ri sozinho porque ninguém jamais entende. Que despenteia o cabelo. Que como um menestrel declama nas ruas o horror da fome e da miséria. Sim sinto falta desses loucos ou dessas loucuras que devem estar por aí reprimidas com tarjas pretas. O que quero mesmo fazer nesse texto é refletir sobre o conhecimento que está aí. Contudo, disfarçado pelos muitos donos ou proprietários dele. O ser humano é múltiplo, dono de inúmeras habilidades submersas ou aparentes. Daí eu defendo que todo mundo é um pouco médico, advogado, engenheiro, enfermeiro, cozinheiro, desenhista, professor, publicitário, segurança, eletricitista, veterinário etc. Acredito que depende do momento e do estímulo. Lembro então de outro ditado popular “A necessidade faz o sapo pular”. Sem desprezar de maneira alguma o saber formal, científico e acadêmico, permaneço defendendo que a empiria e a necessidade nos colocam diante de saberes que estão submersos em nós e no outro. Minha carreira na enfermagem me reforça esse pensamento. Não consigo lembrar de todos os técnicos, auxiliares e atendentes de enfermagem (essa última categoria hoje extinta por força da lei) com os quais trabalhei. Eles me ensinaram técnicas e truques que jamais seria capaz de criar. Viram e observaram coisas totalmente invisíveis para mim. Mas não só para mim... Para os senhores médicos. Quantas vezes os ouvi e ouço falar: “doutor, diminua essa dose”, “esse medicamento não dá para fazer na veia do Sr X”, “Sr Z é cirúrgica”, “tem que fazer uma punção profunda no Sr D”, “isso não vai fazer efeito”, “vai lá doutora, faz o procedimento que eu te ajudo”... E quantas vezes vi a equipe de enfermagem assumindo o procedimento e calmamente ensinando o “como fazer”. Segurando na mão. Apoiando. Refazendo. As idades dos dois lados variam. Mais jovens, mais velhos, porque saber empírico, habilidade, conhecimento não dependem necessariamente dos anos de vida vividos... Mas não comentem isso por aí. É um segredo nosso, acho que isso pode gerar um processo ético nos Conselhos Profissionais que são os regentes das práticas profissionais. Mas é assim mesmo que acontece! Fugindo um pouco dos estereótipos da enfermeira bondosa, da enfermeira abnegada, silenciosa, submissa, cordial, mas falando da enfermagem como um corpo de trabalhadores que tem um saber próprio e que ao longo do tempo cuida e estuda muito para poder cuidar da melhor forma de infinitas doenças do corpo e da alma nos mais diversos serviços estruturados ou desestruturados. Só para dizer uma pequena coisa - a enfermagem não pode errar -. Digo sem medo, as falhas cometidas no processo de trabalho antes de chegar a nossa hora de atuar, precisam ser necessariamente questionadas e corrigidas por nós. Caso não sejam, e a execução crie danos, estaremos definitivamente com nossa vida profissional comprometida. Daí talvez surja o nosso segundo estereótipo: a enfermagem rabugenta, autoritária, altiva, orgulhosa, séria, extremamente técnica e impessoal. A que corrige, controla, confere, questiona... Mas temos outros, a de amantes dos médicos e etc. Temos lutado contra todos esses estereótipos. Mas o pior de todos está relacionado à nossa interiorização quanto ao saber médico. As provocações são variadas “você é quase médico”, “você é um médico frustrado”, “escolheu só tocar fraldas e dar injeção” “estuda mais um pouquinho e você vira médico” entre outros gracejos. Não é assim meus senhores!! Decidimos cuidar na hora da doença. Decidimos ficar ao lado. Decidimos e prometemos que faremos o melhor. Decidimos que vamos saber seu nome e sua história. Porque você gosta ou prefere o banho num determinado horário. Porque não toma mingau. Qual é o seu time e te contar o resultado dos jogos. Conhecer a intimidade do seu corpo respeitando seu constrangimento e sofrimento. E nós que somos enfermeiros graduados, temos faculdade, sofremos com os estereótipos no dia-a-dia do trabalho ... adivinhem o que passam os nossos técnicos, auxiliares... Aqueles que na hora do trabalho são o filtro final para execução de ações extremamente importantes. Preparar e administrar medicações, realizar a higiene corporal, alimentar, preparar e conferir materiais que estão prestes a serem usados... Gostaria que meu clamor aqui fosse claro - entender de uma vez por todas que toda essa separação, classificação, distinção só tem nos feito sofrer e aumentar as diferenças -. Não existe um saber exclusivo. Não existe um sábio que não tenha seu momento de dúvida. Não tem ninguém capaz de fazer nada sozinho. Tudo isso é para dar importância ao maior ser dessa terra: o coletivo!

Sem essa de que 'estou sozinho'

Somos muito mais que isso

.....

Eu preciso e quero ter carinho, liberdade e respeito

Chega de opressão

Quero viver a minha vida em paz

Quero um milhão de amigos

Quero irmãos e irmãs...

Vamos fazer um filme - Renato Russo